

Sesimbra nas ruas

Largo Infante D. Henrique

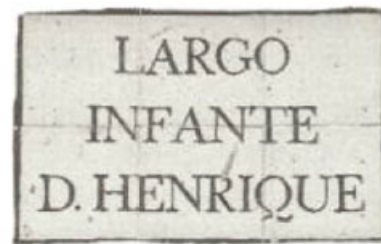
Situa-se na confluência da Rua da Fé com a Rua D. Diniz, tem hoje uma dimensão mais estreita, mais rua que largo, do que tinha no seu traçado original, e faz parte do conjunto de arruamentos mais antigos de Sesimbra, que incluía todos aqueles que desciam da Igreja Matriz até à praia.

Embora tenha a designação oficial de Infante D. Henrique, ainda hoje o vulgo usa o seu nome primitivo:

Largo da Torrinha.

Esta nomeação deve-se ao facto de ali ter sido edificada, para reunião das vereações – as primeiras que se fizeram fora da primeva vila do Castelo – uma casa que era encimada por uma pequena torre com sineta (Torrinha), onde se guardava a chamada "arca do concelho", móvel que continha os mais importantes documentos concelhios, como os forais e os livros do tombo. Daí, a casa se ter chamado "Casa da Arca".

Localizada na parte sul do largo e quase confinante com a antiga Rua da Praia, actual Rua Dr. Peixoto Correia, essa casa, que foi destruída pelo terramoto de 1755, terá sido a primeira sede do Município na Sesimbra da Ribeira, antes portanto da construção do actual edifício dos Paços do Concelho, cujo chão



foi adquirido para esse fim no ano de 1521.

Fiel à tradição e como sempre resistente a inovações feitas à sua revelia, o povo, quando a ele se refere, raramente utiliza o topónimo oficial, até porque, e durante muito tempo, não lhe conheceu qualquer placa toponímica.

O nome popular traduz até, não só o pequeno largo de hoje, mas também a área envolvente, sendo frequente dizer-se que fulano ou beltrano tem casa ou morada ali para os lados da "Torrinha".

Isto, naturalmente, não revela qualquer menosprezo pela egrégia figura do mais ilustre dos filhos de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, a "Ínclita Geração, Altos Infantes", como lhes chamou Camões.

Até porque Sesimbra, dada a sua valiosa participação na façanha dos Descobrimentos, com as suas naus e caravelas, construídas nas suas terceiras, e com muitos dos seus homens, que receberam a genérica designação de mareantes, não poderia deixar de homenagear a memória do Infante, sob cuja égide Portugal conheceu a época mais gloriosa da sua história. Todavia, poderemos interrogar-nos se era aquele o local mais indicado para o fazer.

Nascido no Porto, em 4 de Março

Sesimbra nas ruas

de 1395, desde bem cedo começou a manifestar inclinação pelo misticismo e pelas ciências ligadas à navegação, ao mesmo tempo que recebia primorosa educação no ambiente criado na corte pela rainha sua mãe, senhora de notáveis virtudes domésticas e educadoras.

Em 25 de Agosto de 1415, depois da conquista de Ceuta, foi armado cavaleiro da Ordem de Cristo, herdeira da dos Templários, da qual foi grão-mestre.

Terá sido com o ouro desta Ordem que estabeleceu a célebre escola náutica de Sagres, bem como o observatório astronómico e os estaleiros navais que desenvolveram a nossa marinha, dando início aos descobrimentos e à expansão marítima.

Os primeiros navios que foram à costa de África pretendiam descê-la cada vez mais, mas deparavam com o obstáculo do Cabo Bojador, à volta do

qual se teceram lendas que o davam como intransponível.

Dobrar esse cabo foi a primeira grande empresa dos navegadores de D. Henrique, que seria sabiamente conseguida pelo seu escudeiro, Gil Eanes, em 1434.

A partir de então, conhecida a maneira de o contornar, seguiram-se as descobertas das terras do sul ou do Meio-Dia, até se dobrar o Cabo da Boa Esperança e chegar-se à Índia. Todos esses empreendimentos foram fruto dum vasto e singular plano, lucidamente concebido e organizado, e, numa feliz circunstância, rara na nossa história, realizados por uma alta estirpe de homens em quem os valores morais e intelectuais comandavam a acção, seguindo também aquele conselho "Lança teus cuidados a Deus, e Ele te recriará".

António Reis Marques

